

Capoeiragem no voo do morcego

Prefácio
Alberto Mussa *

Um dos fenômenos menos estudados mas não menos decisivo na configuração social, cultural e econômica do Brasil contemporâneo foi o que se pode denominar “sonho do embranquecimento” — verdadeiro estado de espírito (diria mesmo um ideal maior) que dominou a mentalidade das nossas elites desde o final do século 19, mais precisamente logo após a Abolição.

Não sendo mais escravo, de que servia, então, o negro? Na época, diversas teorias “científicas” atribuíam a indígenas, africanos e seus vários tipos de mestiços uma capacidade intelectual inferior à do branco — sendo portanto diminuta sua contribuição potencial a uma alta civilização. E mais: essas “raças” eram também vistas como inferiores, segundo um parâmetro moral.

O índio, todavia, estava no mato. E sua presença na composição fisionômica da população já tinha se esvaído devido aos séculos de miscigenação, de “limpeza de sangue”. O negro, não. O negro estava nas cidades. O negro era a maioria, inclusive, na capital da jovem república, era o cartão de visita de quem chegava da Europa. Era preciso, era necessário, era urgentíssimo retirá-lo de cena.

Duas estratégias, duas políticas foram adotadas de modo consciente pelos governantes do país: a primeira, visando ao branqueamento étnico, estimulou a imigração europeia, inclusive com apoio financeiro. E levas e levas de italianos, portugueses, espanhóis, suíços, poloneses e ainda outros foram desembarcando no Brasil, a que se somaram judeus e árabes da Síria e do Líbano.

A segunda linha de ação foi a do branqueamento ideológico, papel desempenhado particularmente pela polícia, amparada no novo código penal de 1890, com incentivo de grande parte da imprensa. Tratou-se de criminalizar todas as manifestações culturais e metafísicas de origem africana, ou ao menos aquelas mais evidentes, como o samba, o candomblé, a capoeira.

Aqui entra nosso mestre André Lacé. Carioca típico e legítimo, por espírito e por eleição, André Lacé tem uma vida dedicada aos saberes da capoeiragem. Em todos os planos: luta, jogo, arte, conhecimento, tradição, filosofia, metafísica, jeito de ser e estar no mundo.

André Lacé sabe e ensina que a capoeiragem sempre foi uma atitude quilombola. Os primeiros capoeiras, surgidos no Rio de Janeiro, certamente ainda no século 18, formavam um quilombo móvel, sem paliçadas e estrepes. A capoeiragem foi o quilombo urbano que tomou toda a antiga capital do Império.

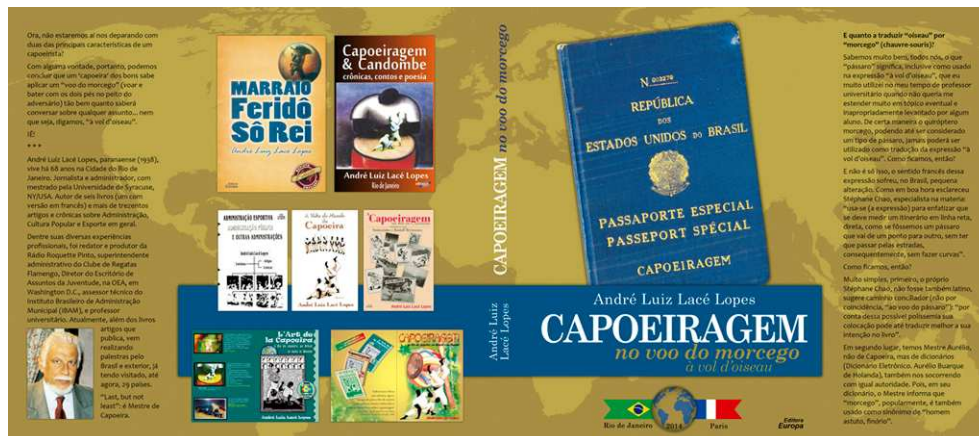
Ensina e sabe também, nosso mestre André Lacé, que os quilombolas resistiram à grande repressão da República Velha. E que por isso vive. Sabe porque ele próprio, André Lacé, é um desses quilombolas. É um dos responsáveis por essa exuberante continuidade.

Nada mais oportuno, portanto, que aprendermos diretamente com ele, lendo esta excepcional coletânea de textos iluminadores, oriundos de uma profunda e afetiva experiência da capoeiragem — que sempre será carioca mas também é cada vez mais universal.

Convido o leitor, assim, a mergulhar nessas páginas no mesmo compasso dessa invocação: *Meu mestre, me ensina, por favor quero aprender...*

- *Alberto Mussa nasceu, em 1961, no Rio de Janeiro.*

Dos livros que já publicou, como “O trono da rainha Jinga” e “A primeira História do Mundo”, chamo atenção especial para “O Senhor do lado Esquerdo”, até porque, embora ao vol d’oiseau, inclui na trama a nossa capoeiragem. Arte, também marcial, que já praticou e da qual seu irmão Fred é mestre. Sendo o samba aparentado da capoeira, não por coincidência, Mussa é coautor do livro “Samba de Enredo, História e Arte”, e também coautor do samba “Tambor”— finalista, em 2009, na sua Escola Acadêmicos do Salgueiro. Seus livros, traduzidos em dez idiomas, estão distribuídos em catorze países, sendo tema de estudos em universidades europeias, norte-americanas e do mundo árabe. Entre outras distinções, ganhou os prêmios Casa de Las Américas, o de ficção da Academia Brasileira de Letras e, por duas vezes, o Machado de Assis, da Biblioteca Nacional.



O Historiador da Capoeiragem Carioca

*Apresentação do Autor
Por Carlos Eduardo Nogueira Loddo *
Brasília, setembro 2014*

E se a capoeiragem carioca não tivesse "sido extinta na I República"; como alguns "isentos" pesquisadores arbitraram e continuam arbitrando? E se, em sua essência mais pura, a capoeiragem carioca tivesse continuado a existir e a desenvolver-se, ao longo do século XX? E se tivesse, ainda por cima, servido de base para todos os projetos de modernização e sistematização da prática capoeirística, tendo fornecido o Rio de Janeiro os primeiros e mais interessantes modelos de tal modernização e sistematização?

E se um único pesquisador e autor, ao longo de centenas de artigos, e dezenas de livros publicados, tenha argumentado com sucesso em favor dessas teses, apresentando documentação exaustiva para fundamentá-las, trazendo a capoeiragem carioca de volta ao centro da agenda de discussões sobre a história da capoeiragem, e aliás, de outras artes de luta desenvolvidas no Rio de Janeiro, como o vale-tudo, e as versões brasileiras do jiu-jitsu e da luta livre?

Ora, caso tudo isso tenha acontecido, então o paradigma "dominante" e "oficial", na historiografia da capoeiragem mereceria ser completamente substituído por outro. Isso seria o que muitos chamariam, sob inspiração de T. S. Kuhn, "revolução", naquele domínio de pesquisa.

Tal autor existe. Sua respeitável obra está disponível ao público e tem sido produzida e divulgada pelo Brasil e pelo mundo. Encontramo-la, nas principais bibliotecas do Rio de Janeiro, do Brasil, dos países mais chegados à prática da capoeira e, sobretudo, no "Quilombo do Leblon", onde o autor tem a sua "cachanga" e por onde circulam capoeiras de todos matizes, brasileiros ou não, sem nem mesmo o primeiro grau ou com pós-doutoral em alguma universidade importante por esse mundo afora.

Seu nome?

André Luiz Lacé Lopes.

Que não se engane, eventual leitor menos atento, com o estilo literário do autor, de agradabilíssima leitura. Em se tratando de conteúdo, sua obra trata da

história da capoeiragem carioca com rigor científico, analítico, argumentativo e crítico, além de trazer perspicazes observações, de cunho filosófico, sociológico e antropológico, muito embora o autor não reivindique qualquer estatuto formal ou acadêmico nessas áreas. Nada fica a dever, em tais quesitos, sua obra, a qualquer tese acadêmica sobre o assunto.

Sinal de seu caráter fixador de paradigma: não há chance de trabalho (acadêmico ou não, desde que sério e atualizado) sobre capoeira deixar de beber na fonte dos textos de André Lacé. Importante salientar, pesquisadores estrangeiros, doutores ou não, são os que mais procuram e fazem referências à obra do Mestre Lacé. São eles os que mais copiosamente trabalham com seus conteúdos (sem cometer a deselegância de usa-los sem citar a fonte), o que talvez possa ser explicado pela independência dos mesmos, em relação ao poderoso patrulhamento, por parte de santos e devotos do paradigma fanatizado.

Finalizando, qualquer Apresentação sobre o Autor ficaria incompleta sem mais três ordens de informação. A primeira delas é lembrar sua premiada obra literária e poética, muito bem exemplificada por seu livro *Marraio, Feridô Sô Rei*, já em segunda edição. Obra bem humorada e *macunaímica*, percorre alguns bares do subúrbio do Rio, do Leblon, de Ipanema e de Copacabana, dando voltas ao mundo real e imaginário, misturando sinergicamente Pasárgada (Manuel Bandeira) com Maracangalha (Dorival Caymmi) e ainda salpicando alguma coisa dos Bruzundangas, de Lima Barreto.

A segunda ordem de observação é sobre o permanente estado de espírito do autor, o que há muito do espírito paranaense-carioca, de celebração permanente da Vida. É notável e admirável a sua capacidade de mergulhar fundo no mistério do mundo e no fascínio da vida, sempre com alegria e astúcia, sinal de que traz a capoeiragem como bússola.

A terceira diz respeito à sua determinação, em ser caridoso com os inimigos e brindar diuturnamente com os amigos. Dentre os últimos, há que se salientar a parceira muito especial, Dra. Arly Silva e Lisbôa, esposa e companheira de investigações de Mundo, a quem cumpre também o papel de representar, com orgulho e muito charme, Sergipe e o Nordeste, no Quilombo do Leblon. Ao lado dela, veem as duas queridas filhas, Dilcéa Maria Lacé, artista, carioca da gema; e Daniela Lacé, nascida em New York, jornalista e defensora feroz dos animais. Dilcéa Maria, também poeta, é coautora do *Marraio*. Daniela, com seu excelente inglês, está sempre ajudando nas traduções do pai. Ambas herdaram do pai, este paranaense de origem: o amor e carinho pelo RIO e pela Vida.

A familiaridade com o Quilombo do Leblon depende de experiência diretamente vivida, de mergulho direto na obra de Lacé em suas linhas, entrelinhas e imagens, muito menos que de falação preliminar. Aliás, fica aí a pista para desvendar-se (tanto quanto venha a ser possível) o mistério do "Terceiro Princípio da Capoeiragem", o qual é exclusivamente conhecido pelo Mestre Lacé.

Que seja muito bem-vinda, pois, a presente obra-fecho de sensacional Trilogia de volumes capoeirísticos de peso, e que mais uma, duas, três, ou mais trilogias possam ser oferecidas pelo nosso querido autor, a propósito da capoeiragem e das artes de luta em geral, do Rio de Janeiro, do Brasil e do Mundo!

Carlos Eduardo Nogueira Loddo – Bacharelado em filosofia, 1992/1996, Universidade de Brasília, DF, Brasil; Master of Arts (Mestrado) em Ensino de Filosofia, Montclair State University, Montclair, NJ, USA. Doutorando em Filosofia, 1998-2006 . Université du Québec, Trois-Rivières, Canada e Université du Québec à Montréal. Palestras proferidas, alguns exemplos: "Reconstruction vs. Restoration in the Historiography of Philosophy", Cambridge University, Inglaterra, 05.04.2006.; e "La critique de Scot par Ockham et la théorie des concepts", Université du Québec à Chicoutimi, Canadá, 13.05.2005 ; Consultor técnico na área de história das artes marciais: alguns exemplos: Green, Thomas (Ed.): *Martial Arts of the World: An Encyclopedia*. ABC-CLIO, Santa Barbara, CA, 2001, 2 Vols. 894 pp.; Hewitt, Mark S.: *Catch Wrestling, Round Two: More Wild and Woolly Tales from the Early Days of Pro Wrestling*. Paladin Press, Bolder, Col., 2009, 414 pp.; Hewitt, Mark S.: *Catch Wrestling: A Wild and Woolly Look at the Early Days of Pro Wrestling in America*. Paladin Press, Bolder, Co., 2005, 280 pp.; Pedreira, Roberto: *Jiu-Jitsu in the South Zone 1997-2008 (Brazilian Jiu-Jitsu in Brazil)*. GTR Publications, 2013, 362 pp.; Rodrigues, C. C.: *Ivan Gomes: A História do Lutador Imbatível*. Campina Grande, 2013, 208 pp. Molina, Marcelo: *Biografia do grande lutador e mestre Flávio Martins Molina (em preparação)*. Consultor Técnico das seguintes matérias para programas de televisão: *Les Aventuriers d'Explô (TV France, 2013, gravado no Rio de Janeiro-RJ)*: Coordenação direta da matéria sobre o lutador de vale-tudo Euclides Pereira, além de consultor, na escolha dos entrevistados (áreas de: capoeiragem, luta livre e jiu-jitsu); *Inside MMA (HD-Net, Colorado, EUA; gravado em Miami, FLA. EUA, 2010)*, consultoria na matéria sobre o lutador de vale-tudo Euclides Pereira, e sobre a história do vale-tudo no Brasil. Fundador do Núcleo de Estudos Sobre Artes Marciais (NEAM), da Universidade de Brasília, Brasília-DF, 1989. TÍTULOS E PARTICIPAÇÕES, EM ESPORTES DE LUTA (exemplos): Primeiro medalhista internacional em Taekwondo do Brasil: 3o lugar na 1st World Cup Taekwondo, Colorado Springs, julho de 1986; Hexacampeão Brasileiro de Taekwondo (entre 1979 e 1985); Sparring partner do ícone de vale-tudo, Euclides Pereira (1979-1985); Demonstrador de artes marciais pelo Ministério dos Esportes do Brasil, no Congresso Internacional da IUMA (International University of Martial Arts), Allen, Alemanha, 1992. Em vias de preparo, volume sobre a história do vale-tudo (atualmente conhecido na versão "MMA"), interpretado pelo pesquisador, como resultante singular do encontro, no contexto brasileiro, de diversas de culturas e artes de luta.